

OS PERIGOS DE UMA HISTÓRIA ÚNICA: A IMPORTÂNCIA DE SE TRABALHAR A HISTÓRIA A PARTIR DE DIFERENTES PERSPECTIVAS NO ENSINO MÉDIO

LIMA, Cícera¹

Universidade Federal do Cariri,
cicera.araujo@aluno.ufca.edu.br

Resumo

O presente relato tem como objetivo primeiro expor o contato com a experiência docente que tornou-se possível através do programa residência pedagógica realizado na Escola Presidente Geisel, situada em Juazeiro do Norte. Ao longo do texto, buscaremos mostrar de que forma as aulas eletivas se constituem enquanto mecanismos que agregam e permitem aos discentes uma formação não somente técnica, mas amplamente humanizada e formadora. Buscando delimitar mais ainda e trazer para o relato de experiência uma análise tanto pedagógica quanto filosófica, analisaremos uma eletiva em especial, a saber “Memória e cultura afro-brasileira e indígena” e mais precisamente, um estudo acerca da temática abordada em uma das eletivas em que foi apresentado e discutido o texto *perigos de uma história única* da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Tal escrito se articula de maneira a demonstrar a importância de tal eletiva para a formação completa do aluno, trazendo à tona a reflexão acerca das diferentes perspectivas históricas existentes, de diferentes povos e culturas distintas, para que não caiam na limitação de uma história única, vista sob um único ponto de vista. Ao longo do texto, foram utilizadas obras de autores e autoras que potencializam e reforçam a indispensabilidade de um novo ponto de vista para o ensino abrangente e descolonizador. Dentre os pensadores e pensadores e obras trabalhadas estão, a saber, *Ideias para adiar o fim do mundo do líder indígena Ailton Krenak (2019)*, *Perigos de uma história única da autora nigeriana Chimamanda Ngozi*

¹ Apoiado financeiramente com uma bolsa da UFCA no Programa de Residência Pedagógica da CAPES.

Adichie (2019), Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano da filósofa Grada Kilomba (2019), Magia e técnica, arte e política do filósofo Walter Benjamin (1994).

Palavras-chave: Ensino de filosofia; Iniciação à Docência; Cultura afro-brasileira e indígena.

1 INTRODUÇÃO

O relato de experiência será feito a partir das eletivas, em especial a “Memória e cultura afro-brasileira e indígena” que aconteceram em consonância à participação do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal do Cariri/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES na escola de tempo integral Presidente Geisel - Polivalente de Juazeiro do Norte-CE. Ao longo das eletivas, pudemos perceber de imediato a necessidade e importância da existência de aulas que fortaleçam o debate acerca da ideia da pluralidade, das diferentes perspectivas sócio-culturais de diferentes povos e lugares, criando espaços cada vez mais amplos que mostrem a história, como analisa Walter Benjamin, também sob a ótica do vencido e não apenas dos vencedores.

Durante a eletiva em questão, me chamou a atenção o texto apresentado pelo professor preceptor da residência atuante na escola mencionada anteriormente, “perigos de uma história única” que denuncia, pela autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019), o perigo de estar em volta de uma cultura eurocentrada, falocêntrica que atende às demandas sócio-culturais de um grupo social específico e de como isso corrobora em um processo de descaracterização das demais culturas e valores que não entram nesse molde dito “universal”.

Em relação às epistemologias, há também uma contradição existente no conhecimento que é tido como o universal, objetivo, neutro em detrimento daqueles saberes produzidos por povos que não estão dentro do modelo eurocêntrico em que são colocadas à margem, sendo avaliados como conhecimentos de cunhos subjetivos, não neutros. Nos resta questionar, então, como são atribuídos aos conhecimentos ocidentais de que dispomos o caráter objetivo? Como poderiam estes serem neutros, uma vez que atendem diretamente aos interesses de uma dada classe social e racial específica?

Para a filósofa Grada Kilomba (2019, pág 53) o que encontramos na academia não se trataria de uma verdade objetiva científica, mas sim os resultados das relações desiguais de poder de “raça”. Dessa forma, o saber científico não seria um estudo apolítico e neutro da verdade, mas uma reprodução das relações de poderes existentes que ditam o que deve ser considerado conhecimento imparcial, neutro, objetivo.

Segundo o filósofo e líder indígena Ailton Krenak (2019, pag.11) em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, a ideia de um modelo universal de saber e de uma cultura específica é sustentada através da premissa de que existe uma humanidade esclarecida e uma outra obscurecida, uma sub-humanidade.

2 DESENVOLVIMENTO

O Brasil atual conta aproximadamente com duzentas e cinquenta etnias e cento e cinquenta línguas e dialetos, tornando válido lembrar que desde o início do período de colonização do país, este número caiu incessantemente alimentado pela a velha visão de que existe uma e apenas uma humanidade esclarecida, que pressupõe há mais de quinhentos anos a ideia de que existe um “jeito certo de viver” (AILTON KRENAK, 2019, pag. 11).

A indispensabilidade do estudo e reflexão promovida pela eletiva “memória e cultura afro-brasileira e indígena” justifica-se em favor de povos indígenas e demais povos que estão colocados no grupo da “sub-humanidade”, a saber, quilombolas, caiçaras, aborígenes, cujas narrativas “vão sendo apagadas e esquecidas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar sempre a mesma história”, como enfatiza o escritor, filósofo, ambientalista e líder indígena Ailton Krenak (2019, pag 21).

Analisadas as considerações anteriores, algumas perguntas surgem em detrimento do apagamento e tentativa de homogeneização de tantas e distintas culturas que permanecem ainda às margens, quando comparado ao que é ensinado sempre nas escolas e o que é considerado sempre como algo de suma importância para a grade curricular. A quem ou ao quê a chamada para a civilização, para a construção de uma humanidade totalmente homogênea, interessa? Por que mesmo diante de leis que asseguram a importância dos estudos das culturas indígenas e afro-brasileiras, estas disciplinas não são somadas como parte integrante do currículo obrigatório em algumas escolas? Quanto ao último questionamento, é válido lembrar que a lei que preserva e valida os saberes não

eurocêntricos não se estende totalmente às universidades e mesmo quando acontecem de fazer parte da grade, dificilmente são alocadas como disciplinas obrigatórias.

Para que haja um ensino de qualidade e estudo de outras perspectivas históricas, que contam mais especificamente as perspectivas históricas dos grupos que compõem a "sub-humanidade", faz-se necessário também que os professores e professoras tenham em sua formação e ambiente universitário disciplinas que também os preparem para isso.

Dado que a escola ocupa em larga medida a efetivação do processo educacional de desenvolvimento cognitivo do ser humano, as relações e formas de viver do aluno também se desenvolvem em grande parte do ambiente acadêmico. Nesse sentido, uma base curricular que esteja disposta a apresentar diferentes perspectivas históricas e saberes mais variados aposta na completa formação do alunado, que não somente sai do ensino médio com uma formação ampla e rica, como aprende a entender e valorizar as diferenças existentes entre os povos, respeitando os lugares de onde cada grupo exprime suas ideias e saberes. Tais feitos, contribuem precisamente para uma maior tolerância para com o diferente e uma criticidade própria da reflexão e capacidade de abstração de que dispõe os alunos inseridos neste contexto pedagógico-filosófico-humanista de se trabalhar o conhecimento.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É nítida, pois, a indispensabilidade em buscar meios de repensar a estrutura social e educacional que continua prezando por um determinado e específico modo de ensino, estilo de saber que visa os interesses exclusivos de um grupo apenas. Partindo das experiências vivenciadas ao longo das execuções das aulas eletivas da escola Presidente Geisel, percebi o quanto é indispensável que a escola e a grade curricular deixe seu caráter que muitas vezes é meramente técnico cuja tarefa maior é a de preparar mão-de-obra para o mercado, para a viabilização de um currículo que para além de uma formação acadêmica e profissional, prepare o/a estudante para a vida, tendo os dispositivos necessários para pensar diferentes perspectivas, diferentes saberes, encorajando-os a visualizar e valorizar toda uma gama de epistemologias que podem contribuir diretamente na sua percepção e ampliação de visão de mundo. Com isso, tenho a dizer que as experiências e discussões que abarcam o debate de descolonização do saber em sala de aula permitiram aos alunos a reflexão em torno do conhecimento e sobre este não ser um campo limitado a uma

perspectiva única, que o conhecimento produzido às margens do que lhes é proposto continuamente na grade curricular obrigatória, também é não somente possível e válido, como também essencial para se conhecer o mundo e a si mesmo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, torna-se nítida a urgência e indispensabilidade de que sejam abordadas tais estudos e concepções, uma vez que potencializam a formação tanto dos alunos e alunas quanto dos(as) professores(as) na construção de uma atmosfera acadêmica longe de intolerâncias culturais e/ou religiosas, preconceitos e estereótipos raciais. Para além da atividade filosófica de abstração feita com os alunos ao longo da eletiva, vale a pena ressaltar as contribuições pedagógicas, filosóficas, bem como humanistas de pensar a vida, os saberes a partir da contribuição de diferentes epistemologias.

A demonstração de diferentes saberes e a promoção de reflexões acerca da história humana, numa releitura humanística permite ao alunado que amplie sua visão de mundo, que consiga pensar a partir de diferentes prismas, além de desenvolver o seu senso crítico e sabe avaliar bem e questionar tudo aquilo que lhes ditam como sendo o certo, como sendo a única maneira a seguir. Arraigada na ideia de um estudo que permite identificar os diferentes saberes de distintos povos e a sua importância, a prática pedagógico-filosófica adotada durante as aulas eletivas na instituição mencionada permite antes de mais nada que os alunos e alunas saiam do que Kant em seu texto *“O que é o esclarecimento?”* nomeia como minoridade (característica de indivíduos incapazes de pensar por si mesmos) para adentrar na maioridade (caracterizando os indivíduos capazes de pensar por conta própria).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal do Cariri em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES bem como aos professores e coordenadores que facilitaram a experiência docente desenvolvidas na escola de tempo integral Presidente Geisel - Polivalente situada na cidade de Juazeiro do Norte-CE. Além disso, gostaria de agradecer também a promoção do evento II Seminário dos Programas Acadêmicos de Ensino: Resignificações em Tempos de Pandemia pela Pró-Reitoria de Graduação - PROGRAD e a oportunidade de apresentar as

minhas reflexões e relatos diante da experiência docente a qual vivenciei.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Edição 1ª. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Edição 7ª. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.